

Bertioga

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul



Forte São João

Disponível em: <<http://pt.metocast.net/forecast/br/bertioga/>>, Antonio Vidal.

para *Helô*

*Frente ao mar,
conquanto acerto os passos sobre a areia,
meu pensamento voa muito acima do quebrantar das ondas...
Nos longes fixo o olhar
buscando no infinito vislumbres de antiga vivência*

Entre a montanha e o litoral, há certo dualismo de paixão que em algum momento inclina-se a favor da praia.

Bertioga era um paraíso na concepção de três amigos meus: Ennio Barbato, Professor Alfredo e Dna. Josefina

Anderson. Para o primeiro, seria expectativa de tranquila ventura longe da turbulência profissional; para os outros dois, já na terceira idade, constituía residência fixa há muitos anos, contando com perenal esperança como o verde arvoredado e a fortuna fátua das flores variegadas que os cercavam. Graças a eles, fizemos a opção e conseguimos obter uma nesga desse paraíso.

Daí por diante foi só edificar, sucesso garantido pelo auxílio e disposição para o trabalho de um empreiteiro local — Luiz Bezerra da Silva —, que logo se tornou bom amigo litorâneo. Em 3 de janeiro de 1963, estreamos a nossa casa de veraneio com toda a alegria, se bem que o demorado percurso de 3 ou 4 horas — passando por Santos e Guarujá, incluindo duas travessias por balsa — fosse deveras cansativo. Em contrapartida, o sossego e a segurança prevaleciam na cidade!

Já faz muito tempo... Imperava o uso de lampião e geladeira a querosene... Como era complicado manuseá-los! O silêncio da noite era estorvado pelo coaxar dos sapos e rãs, nas valetas pluviais, para regozijo dos pescadores aficionados.

Na vila, destacavam-se personagens peculiares: o Gaúcho, ostentando o seu mamífero de estimação — uma preguiça chamada Sílvia; o Vai Querê com os melhores pastéis dentre os melhores (era fácil sentir-se ditoso com um simples pastel!); o ruivinho ajudante de pedreiro que afirmava com orgulho: “eu também sou músico, estudo clarineta”, ao assistir a minha filha praticando o acordeom; e o “diabo loiro” — Antoninho A. Silva — perito em hidráulica e eletricidade, último valor dos bons tempos!

E havia as noites estreladas! E por lá andava Silvio Caldas
 “... a lua furando o nosso zinco salpicava de estrelas nosso chão...”
 (Orestes Barbosa e Silvio Caldas. *Chão de estrelas*).

*

Num domingo, soube que um antigo morador, velho
 barbeiro da cidade, havia morrido por atropelamento...

*Veio a desdita quando o alento lhe sorria
 e não se moveu, nem um instante
 ao chegar o fim do seu dia.*

Outrora, a sua presença era constante nos finais das
 tardes. Enternecia vê-lo chegar de bicicleta e, nela apoiado,
 contemplando o mistério do mar, quedava plácido a meditar...
 Afigurava-se uma prece. Pudera eu imitá-lo!

*Frente ao mar, a onda vinha e ia...
 — Esperança vencida. Entardecia.*

*

Decorrido meio século, onde estarão meus bons vizinhos
 Ennio Barbato, professor eminente de cardiologia; Alfredo
 A. Anderson, pioneiro da metodologia datilográfica; Dna.
 Josefina Anderson; Professor Amorim, emérito de anatomia
 patológica; Engenheiro Romeu Tarzia e Dna. Eunice, com-
 padres; Antonio e Dna. Angelina Pioto, que pontualmente
 nos aguardavam com magníficos quitutes; Luiz Bezerra da
 Silva, modesto e fiel colaborador; Antoninho A. Silva,
 sempre companheiro; Umberto Piques e D. Anésia, pres-
 tativos farmacêuticos; José Di Pacce, Nelson e Dna. Maria,
 afáveis moradores em frente? Todos eles tomaram parte da
 ventura de que desfrutamos durante tanto tempo naquela
 praia e nunca deixarão de viver em nossos corações.

Revivescência. Pois que, certa manhã, fomos à “nova”
 praça do Forte São João, há tempos inaugurada! Nem o
 Jardim da Luz, reformado, causou-me tanto impacto. Da
 simplicidade do seu conforto, descortinava-se encanto por
 todos os lados: o branco do forte, o verde turvo do mar, o
 porte ostensivo de barcos e veleiros através do canal, e o
 eterno marulho... Que mais para ver beleza em tudo aquilo?

*Uma garça alçou voo e atravessou a nuvem branca...
 O mar pareceu aquietar-se
 apenas ele para adorar só um instante.
 Ao derredor nada importava
 nunca voltaria aquele momento distante*

*

Bertioga não é mais a minha Bertioga! Hoje as nossas
 crianças têm as crianças delas! Amo a casa que construí
 com ajuda de Mãezinha, e ela conseguiu usufruir por mui-
 tos anos. Um dia, lembro-me bem: vagorosamente a tarde
 ia morrendo, e, na balsa se afastando, ela, talvez cônica de
 que seria a sua última viagem, resignada, mirava a longitu-
 de — céu e mar — e seus olhos brilhavam por uma lágrima
 dissimulada pelo vivo da sua cor azul...

*“Minha mãe, minha mãe! Ai que saudade imensa, do tempo que
 ajoelhava, orando ao pé de ti!”* (Guerra Junqueiro. *Aos Simples*).

*

Despertei cedo. Cerrei os olhos levemente. Dirigi meu
volks verde pela estrada Guarujá-Bertioga. Raros raios de
 sol atravessam o arvoredado e se refratavam pela neblina que
 àquela hora ainda esvoaçava. Senti um bem-estar especial,
 malgrado viajar de automóvel, ansiei estar indo para a praia.
 Cheguei à balsa e, do outro lado do canal, a velha Bertioga!

A travessia foi comandada pelo Nelsão, misto de rudez
 e aptidão para a tarefa.

Fui pela rua de terra, suave ante o asfalto maltratado da
 capital. Sílvia vinha, pedalando, sorrindo linda como na
 primeira vez que a vi. Lá estavam nossa casa e a família
 completa. As três Marias aguardavam. A primeira delas,
 ausente há tempos, veio de sua nova morada, bem além das
 estrelas mais longínquas... Felicidade parece não ter fim!

E, assim, dói lembrar dos melhores dias de nossa exis-
 tência, mas é aí que consiste a poesia de viver!

*A imensidão torno a contemplar...
 e até o velho e romântico sol poente
 ora sugere um cismar descrente...
 Algo incomoda-me os olhos,
 então dou as costas e me afasto,
 mas é sempre triste dar as costas para o mar!*

*

Hoje, longe no planalto, acode-me uma visão da praia
 tão distante, muito perto, porém, quando estou sonhando...!

Caduceu da Medicina, a serpente de bronze e direitos autorais

Arary da Cruz Tiriba

A caminho do Mar Vermelho, o povo de Israel perdeu a coragem, passando a murmurar contra Deus, contra Moisés:

— *Por que tiraste-nos do Egito? Para morrermos no deserto? Onde não há, sequer, pão nem água! Enfastiados, como já nos encontrávamos, deste alimento miserável!*

Então, o Senhor enviou contra o povo serpentes ameaçadoras que picaram e mataram muitos!

O povo, de novo, a Moisés:

— *Erramos, sim, clamamos contra o Senhor, investimos contra ti, mas agora imploramos que rogues ao Senhor que nos livre das víboras!*

Assim fez o Profeta, advogando a manifestação do povo, ouviu do Senhor Sua determinação.

*QUE MOISÉS FIZESSE UMA SERPENTE ARDENTE
QUE A SUSTENTASSE NO BASTÃO
AQUELE QUE VIESSE A SER PICADO, ENCARANDO A SERPENTE, SERIA SALVO*

A partir daí, a criatura vitimada estaria salva, observada a recomendação.

[durante ofício da religião católica, 24º DOMINGO DO TEMPO COMUM, Leitura do livro dos Números: 21, 4-10 e do Evangelho (João 3, 13-17) in BÍBLIA SAGRADA]

Longe de nós teologizar, porém, despertam-se-nos interrogações sobre a originalidade do nosso símbolo profissional e “assinatura” da imagem... grega, como se atribui? Hebraica? Cristã?

Asklepius, uma deidade a mais da civilização grega politeica e o bastão...

Origem helênica?!...

Primário em teologia, o autor considera, apenas, reflexões.

O Pai antecipou o método da cura contra o veneno pelo próprio veneno [soros antiofídicos (antibotrópico, anticrotático, antielapídico, antiescorpiônico, antibotulínico, antidiftérico, antitetânico...)]. De acordo, Vital Brazil, Mineiro da Campanha? Ou isso é bobagem? Aprova, Friedrich August Johannes Loeffler?



Asclépio, Deus da Medicina com o bastão e a serpente

Pasteur, apenas, póstero... Não se pode afirmar que o químico francês tenha tido informação bíblica, porém, quando idealizou a **profilaxia pós-exposição** ao vírus da raiva (*vírus*, à época, considerado *veneno*), tratou de questão preconizada *saecula saeculorum*.

Ilya Ilyich Mechnikov, possivelmente, teria recebido inspirações celestiais para despontar como **pai**, minúsculo, da imunologia, à semelhança daquel'Outro, o Incomensurável.

A propósito, relata o Prof. Antonio Carlos Gomes da Silva, ilustre confrade, Membro Emérito da nossa Academia:

Fatos nos permitem o passeio pela história do conhecimento das doenças e de seus tratamentos, o que nos remete às vizinhanças da civilização cristã, pois Mithridates VI (132-63 a.C.), Rei de Pontus, região hoje pertencente à Turquia, foi o primeiro ser humano a desen-



Bastão de Esculápio, símbolo da Medicina

volver tolerância tomando doses de veneno de cobra, regularmente, para não morrer envenenado, como fora o genitor. Porém, uma espada o matou após tentar envenenar-se, quando, derrotado por Pompeu, temeu ser capturado por Roma. Acessível em: <http://www.paulonasar.com.br/cemanos.html>

Se nos fizemos entender, homens de fé, politeístas e monoteístas, cristãos e hebraicos, gregos e romanos, e historiadores da antiguidade:

— Caduceu, **à mesa** para rediscussão! Profilaxia da disputa por direitos autorais! ***A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.***

Repentes

Para Ruth.

Quando falaste sobre diferenças,
 Quando disseste o quanto me querias,
 Quando pesaste a força em nossas crenças,
 Que continuavam as mesmas pelos dias,
 Quando lembraste, a fundo, nossa luta,
 E viste que, também, no amor se sofre,
 Porém a quem a Deus, na vida, escuta
 O sofrimento encontra-se num cofre.
 Quando ouviste, meu bem, quanto te quero,
 Não obstante a tua timidez,
 Que faz nosso viver claro e sincero,
 Tal qual se descortina em nossa tez,
 Sentimos que, por sermos diferentes,
 O nosso amor eterno tem repentes.

SP. 12/06/2000.

Ives Gandra da Silva Martins

Arary da Cruz Tiriba

Professor Titular, aposentado, em atuação voluntária (UNIFESP/EPM), Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo, ocupante da Cadeira 81, Adolpho Lutz

Museu de Arte Sacra de São João d'El Rey

Nelson Di Francesco

Disponível em: <www.museudartesaera.com.br>.



Não costumo escrever sobre o que encontrei nos museus visitados por aí, mesmo porque o interesse por determinado assunto é sempre particular, não tendo obrigação de agradar a quem ler.

Entretanto, visitando o Museu de Arte Sacra da cidade de São João d'El Rey (novamente ela, tão cantada por mim em poema, prosa, e sempre grafada dessa forma), não posso deixar de manifestar meu encanto pelo que vi: oratórios, sinos, conjunto de resplendores de prata do século XIX, coleções de imaginárias, lanternas, cruzes, turíbulos, varas de pátio, quadros, ostensórios, âmbulas, sacras feitas em prata fundida, salvas cinzeladas — essas duas em magnífico trabalho do século XVIII, ex-votos da Igreja Bom Jesus de Matosinhos, e a escultura de Cristo Flagelado, atribuída

ao artista do barroco mineiro, Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho.

Concentrei minha atenção, junto ao andor exposto, no buquê de flores confeccionado com escamas de peixe policromadas, fibra vegetal, tecido e metal, também do século XVIII. Uma preciosidade! Nunca vi algo semelhante.

Um cálice de ouro (cálice de celebração), foto mostrada, pertencente à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, todo trabalhado com cenas bíblicas ilustradas. Maravilhoso! Quer na precisão das imagens gravadas, quer na beleza dos detalhes.

Apenas essa peça já seria motivo suficiente para visitar o museu, localizado no centro histórico da cidade, na Praça Embaixador Gastão da Cunha, antigo Largo do Rosário, onde outrora funcionou a Cadeia pública.

A construção da cadeia pública de São João del-Rei, no Largo do Rosário, foi autorizada pelo Rei de Portugal D. João V, em 11 de abril de 1738. Sua planta previa três enxovias fortes, numa sala fechada, e duas casas para o carcereiro.

A 6 de abril de 1741, a Câmara de São João del-Rei resolveu dar, anualmente, a quantia de seis oitavas de ouro para a construção do patrimônio da Capela de Nossa Senhora da Piedade e do Bom Despacho, que alguns devotos haviam construído em frente à cadeia, para que os presos pudessem assistir à missa aos domingos e dias santificados, porém sem sair de suas celas.

A 8 de julho de 1741, foi oficialmente encaminhada uma carta à Sua Majestade, pedindo aprovação de um patrimônio anual de 6 mil réis para a Capela. A resposta real chegou à vila de São João dois anos depois e foi registrada em sessão da Câmara, realizada em 28 de agosto de 1743.

Somente em 1743, o Senado da Câmara pode pagar, a Cristóvão de Faria, 533 oitavas de ouro pela construção da Cadeia, no Largo do Rosário.

A capelinha de Nossa Senhora da Piedade ou Passinho da Piedade, atualmente, é um dos monumentos mais antigos da cidade, com a particularidade de somente abrir três vezes por ano: sexta-feira da Quaresma, quinta-feira Santa e sexta-feira da Paixão.

Créditos também à curadoria e à monitoria do museu, muito agradáveis, que encantam o turista mais exigente, em face às maravilhas oferecidas pela cidade mineira.

Uma singularidade: peças do acervo exposto, parte de um comodato e pertencentes de Confrarias, Irmandades e Ordens das Igrejas, deixam o museu para serem usadas em

procissões, festas e solenidades; e, depois, retornam. Uma verdadeira coleção “viva” evidenciando a força das tradições religiosas de São João d’El Rey.

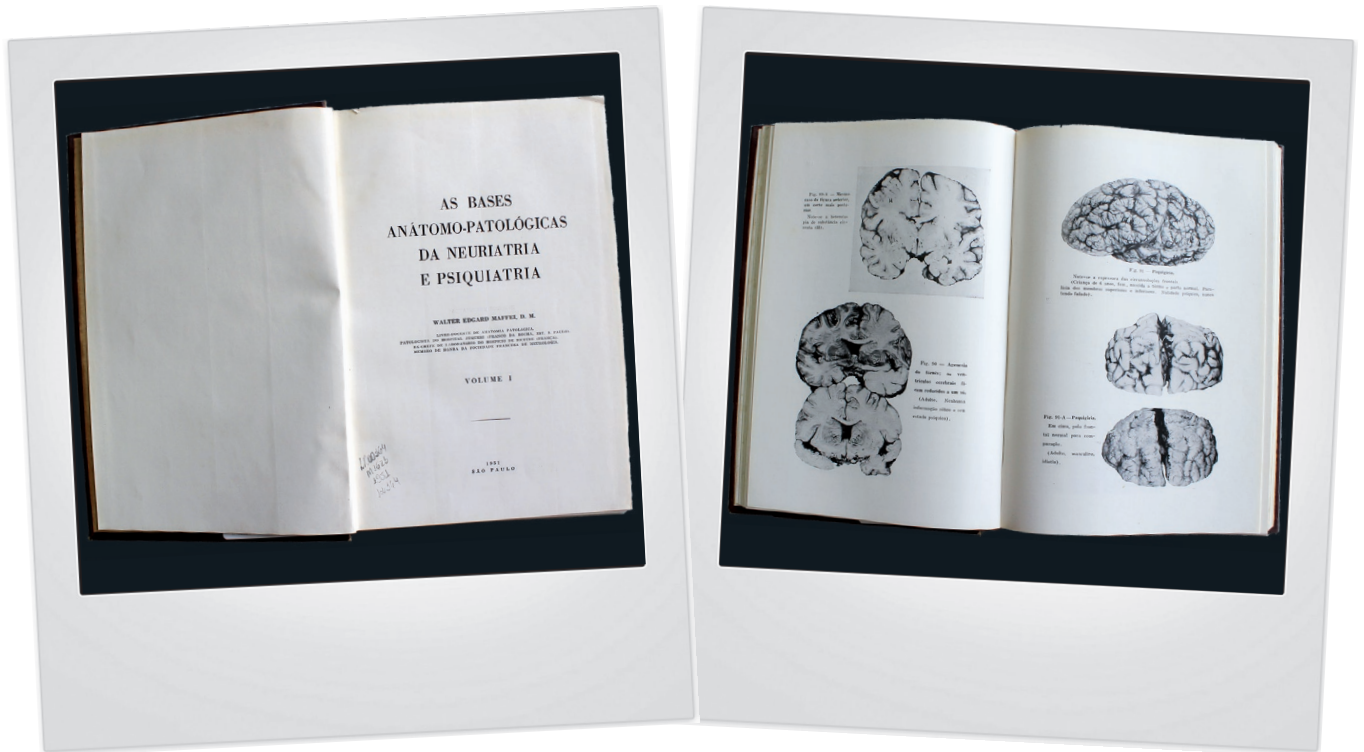
Como se não bastasse tal riqueza nos mais de 450 objetos expostos, foi levado para lá e implantado no espaço:

O retábulo da Ermida de N^a. S^{ra}. da Ajuda, consagrada em 1729. Fazia parte do Conjunto Arquitetônico remanescente da Fazenda do Pombal (atualmente município de Ritópolis-MG), propriedade dos pais de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes!



Disponível em: <www.diocesedaosaojoaodelrei.com.br>.

Coluna do livro



As bases anatomopatológicas da neuriatria e psiquiatria

Trata-se de um dos mais importantes livros no gênero, escrito por Walter Edgard Maffei, em dois volumes, 985 páginas, Imprensa Metodista, 1951, ricamente ilustrado.

O autor nasceu em 1905, no interior paulista, e faleceu em 1991. Professor em várias faculdades de medicina, entre elas a de Sorocaba e a Santa Casa de São Paulo, era temperamental e polêmico, mas também extraordinário pela cultura abrangente e perspicácia em ver os fenômenos e a patologia do corpo humano. Foi um dos grandes, se não o maior, estudiosos da epilepsia, à qual dedicou-se em profundidade, por meio de milhares de exames anatomopatológicos de cérebros de pacientes epiléticos, falecidos no Hospital de Juqueri, onde trabalhou no Laboratório de Estudo do Cérebro e ensinou durante muitos anos. Pensava o *morbus sacer* como um só, porém o mais polimorfo dos males. Descreveu o cérebro de constituição anatômica epilética seguindo os passos de Octavio Perez Velasco, mestre da escola psiquiátrica do Hospital de Juqueri, o qual revelou, pela primeira vez, esse tipo de cérebro. Maffei lapidou o conceito, expondo-o de maneira clara, distinta e

adequada no livro em comento, entre outros importantes temas médicos.

Para muitos, Maffei era a reencarnação de Paracelso, sendo certo que ambos entendiam que a diferença entre veneno e remédio está na dose, que é correta neste e errada naquele. Ambos também admitiam, como princípio básico, que corpo e alma são duas substâncias diferentes, mas que, no ser humano, estão amalgamadas, não havendo nada corpóreo sem alguma coisa de alma e nada anímico sem alguma coisa de corpo.

O livro foi recentemente doado à APM pelo Doutor Renato Mayol e está em excelente estado de conservação, com capa original.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Bibliotecária.

Analogias em Medicina (n. 35)

Transtorno do Pânico. Pã ou Pan, na mitologia grega, é considerado o deus dos pastores e dos rebanhos e grande divindade da natureza na obra de poetas e filósofos. É o deus bucólico mais importante da Arcádia e seu culto difundiu-se por toda a Grécia. Era representado pela figura de um bode, corpo peludo, cabelo abundante, barba e orelhas agudas, cornos e riso malicioso. Foi também rotulado como um “demônio” das montanhas e dos bosques. Apoiava Zeus e participou da Gigantomaquia, isto é, a luta contra gigantes. Estes últimos, assim que foram criados, começaram a atacar o Olimpo com enormes rochedos e grandes árvores em chamas. Pã emitia gritos selvagens provocando a fuga dos assustados agressores dos deuses. Durante as guerras médicas — da Média, Pérsia —, usou a mesma estratégia para criar pavor nos inimigos dos gregos. Segundo os léxicos, a palavra pânico tem origem no deus Pã e refere-se à ansiedade e ao medo extremos e ilógicos, frequentemente acompanhados por distúrbio da respiração, aumento da atividade cardíaca, alterações vasomotoras, sudorese e sensação de pavor. Em psicologia e psiquiatria, temos a síndrome ou transtorno do pânico, classificado pela Organização Mundial de Saúde como “ansiedade paroxística episódica”. Caracteriza-se por súbitos e recorrentes ataques de pânico, isto é, algo que assusta ou amedronta, sem motivo determinado. Enseja receio de novos ataques, preocupações a respeito das complicações para a saúde ou das consequências possíveis resultantes do ataque. Pesquisa nos Estados Unidos mostrou a incidência da síndrome em 1 a 3 indivíduos em cada 1.000, mais comum no sexo feminino e na faixa etária entre 20 e 45 anos.

Pã é também considerado o inventor da flauta pastoral — a flauta de Pã —, chamada por ele de siringe, em homenagem à ninfa Siringe. De acordo com o mito, Siringe, para escapar do constante assédio de Pã, transformou-se em tubo ou cano. O deus, ao vê-la assim, tomou-a e fez dela uma flauta, batizando-a com o nome da ninfa (Gr. *syrinx*: tubo, cano, caniço).

Em outra ocasião, participou de uma competição musical com Apolo e sua lira. Um dos juízes, Midas, Rei da Frígia, deu o veredicto a favor de Pã e Apolo, ofendido, o castigou fazendo crescerem orelhas de burro nele. Pã perseguiu muitas ninfas e donzelas, além de Siringe. Sua paixão pelas mulheres tornou-o o símbolo de incontrolláveis impulsos sexuais, mas também um dos principais deuses da fertilidade.

Outros termos técnicos, por analogia, estão relacionados à ninfa Siringe, predileta de Pã. Siringite é inflamação da tuba auditiva (de Eustáquio), que conecta a cavidade timpânica com a parte nasal da faringe; siringomielia refere-se à presença, na medula espinhal, de cavidade tubular longitudinal preenchida por líquido e revestida por tecido glial denso, e que se caracteriza por atrofia muscular e distúrbios da sensibilidade ao calor e à dor; siringobulbia: cavidade do tronco cerebral repleta de líquido, análoga à siringomielia; siringoma: tumor benigno dos ductos das glândulas sudoríparas, configurando estruturas tubulares e císticas; siringotomia: operação em fístulas e outros. A seringa, instrumento de vidro ou plástico usado para injeções ou retirada de líquidos e de amplo uso em várias atividades médicas, odontológicas e veterinárias, originou-se também de siringe.

Texto baseado em:

MARIA MAVROMATAKI. *Mitología Griega*. Ediciones Xaitali, Atenas, 1997.

PENA, GP, ANDRADE-FILHO, JS. Analogies in medicine: valuable for learning, reasoning, remembering and naming. *Adv in Health Sci Educ* 2010 Oct; 15(4):609-19. Epub 2008 Jun 5 e outras fontes.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Barattella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.